

Normandia, norte da França, ano 1076. Os monges da abadia de Bec não estavam inteiramente satisfeitos com as Escrituras Sagradas. Eram homens de piedosa fé cristã e acreditavam nas palavras divinas de sua religião. Contudo, sentiam necessidade de um alimento intelectual superior, que lhes desse as mesmas certezas da revelação bíblica, mas de um ponto de vista exclusivamente racional. Em longas conversas *com o prior* da abadia, ficaram convencidos de que ele poderia auxiliá-los. Insistiram para que o prior redigisse, sob forma de meditação, algumas de suas ideias sobre a essência divina e sobre outras questões. Não deveria recorrer, em absoluto, à autoridade das Escrituras Sagradas e tudo aquilo que fosse exposto deveria ser feito mediante o encadeamento lógico da razão. Os argumentos deveriam ser simples e o estilo acessível, a fim de que a verdade se tornasse evidente pela própria clareza. Estabeleceram ainda que ele não poderia deixar de responder a eventuais objeções que se apresentassem ao longo do trabalho.

O prior mediu suas forças e achou-as frágeis para levar a cabo o empreendimento, mas tal era a insistência dos monges, que acabou vencido e começou a se desincumbir da tarefa. Depois de algum tempo, terminou uma pequena obra, intitulada *Monológio*, na qual procurou provar a existência de Deus, tal como os monges lhe tinham pedido, isto é, de maneira puramente racional, sem auxílio das Sagradas Escrituras.

Os argumentos desenvolvidos eram quatro, mas podem ser reduzidos a dois, para mais fácil compreensão. O primeiro, de índole platônica, parte da constatação de que o homem encontra no mundo grande quantidade de coisas, que podem ser classificadas como mais ou menos boas. As coisas possuem, assim, uma bondade relativa que, necessariamente, deve ter como ponto de comparação um bem absoluto. Como as coisas contêm quantidades variáveis de bem, este não pode ser identificado com essas bondades relativas. O bem absoluto fundamenta os bens relativos, e se ele não existisse não teria sentido falar das coisas como sendo mais ou menos boas.

O segundo argumento diz respeito à ideia de causa, principal recurso para se explicar a razão da existência das coisas. Todas as coisas são isto ou aquilo por causa de outras coisas; nenhum ser pode ser por si mesmo, ou a partir de nada. Em outras palavras, as coisas são relativas e impõe-se conceber como existente, necessariamente, um ser absoluto que é causa de si mesmo e fundamento de todos os demais seres.

O prior que desenvolvera essas argumentações estava apenas iniciando uma obra que iria colocá-lo como um dos criadores da chamada filosofia escolástica. Chamava-se Anselmo e tinha nascido na cidade de Aosta, na região do Piemonte, Itália, no ano de 1033.

Um célebre argumento

A redação do *Proslógio* resultou do sentimento de insatisfação que a primeira obra causara

ao autor, quando se deu conta de que "era difícil de ser entendida devido ao entrelaçamento das muitas argumentações". Por isso, começou a pensar se não seria possível "encontrar um único argumento que, válido em si e por si, sem nenhum outro, permitisse demonstrar que Deus existe verdadeiramente e que ele é o Bem Supremo, não necessitando de coisa alguma, quando, ao contrário, todos os outros seres precisam dele para existirem e serem bons". Em suma, Anselmo procurava, no *Proslógio*, um argumento apenas, que sozinho pudesse fornecer provas adequadas sobre aquilo que o cristão crê no que diz respeito à substância divina.

Anselmo parte, assim, de um dado da fé e procura, exclusivamente pela razão, provar que o dado da fé corresponde à verdade. O dado em questão é a crença do cristão na existência de Deus e de que este se trata de um ser tal, que não se pode conceber nada maior (mais perfeito) do que ele. O problema consiste em saber se tal ser existe mesmo, isto é, não apenas dentro do pensamento de cada homem, mas como realidade fora da inteligência.

Assim, Anselmo examina o problema do "ser do qual não é possível pensar nada maior". Ele não poderia existir somente na inteligência, pois se isso acontecesse poder-se-ia pensar que há outro ser existente, não só no pensamento, mas também na realidade e que, portanto, seria supremo, que todas as coisas somente *são* na medida em que derivam seu ser da essência de Deus. O ser supremo é, assim, concebido por Anselmo como o criador de todas as coisas.

PROSLOGIO de Anselmo de Aosta (trechos)

Tradução e notas: Ângelo Ricci

Capítulo I: *Exortação à contemplação de Deus*

Tem piedade de nossos sofrimentos e esforços para chegar a ti, pois, sem ti, nada podemos. Convida-nos, ajuda-nos, Senhor; rogo-te que o meu desespero não destrua este meu suspirar por ti, mas respire dilatando meu coração na esperança. Rogo-te, ó Senhor, consoles o meu coração amargurado pela desolação. Suplico-te, ó Senhor, não me deixes insatisfeito após começar a tua procura com tanta fome de ti. Famélico, dirige-me a ti; não permitas que volte em jejum. Pobre e miserável que sou, fui em busca do rico e do misericordioso: não permitas que retorne sem nada, e decepcionado. E se suspiro antes de comer, faze com que eu tenha a comida após os suspiros. Ó Senhor, encurvado como sou, nem posso ver senão a terra; ergue-me, pois, para que possa fixar com os olhos o alto. As minhas iniquidades elevaram-se por cima da minha cabeça, rodeiam-me por toda parte e oprimem-me como um fardo pesado. Livra-me delas, alivia-me desse peso para que não fique encerrado como num poço. Seja-me permitido enxergar a tua luz embora de tão longe e desta profundidade. Ensina-me como procurar-te e mostra-te a mim que te procuro; pois, sequer posso procurar-te se não me ensinares a maneira, nem encontrar-te se não te mostrares. Que eu possa

procurar-te desejando-te, e desejar-te ao procurar-te, e encontrar-te amando-te e amar-te ao encontrar-te. Ó Senhor, reconheço, e rendo-te graças por ter criado em mim esta tua imagem a fim de que, ao recordar-me de ti, eu pense em ti e te ame. Mas, ela está tão apagada em minha mente por causa dos vícios, tão embaciada pela névoa dos pecados, que não consegue alcançar o fim para o qual a fizeste, caso tu não a renoves e a reformes. Não tento, ó Senhor, penetrar a tua profundidade: de maneira alguma a minha inteligência amolda-se a ela, mas desejo, ao menos, compreender a tua verdade, que o meu coração crê e ama. Com efeito, não busco compreender para crer, mas creio para compreender. Efetivamente creio, porque, se não cresse, não conseguiria compreender. [...]

CAPÍTULO II: *Que Deus existe verdadeiramente*

Então, ó Senhor, tu que nos concedeste a razão em defesa da fé, faze com que eu conheça, até quanto me é possível, que tu existes assim como acreditamos, e que és aquilo que acreditamos. Cremos, pois, com firmeza, que tu és um ser do qual não é possível pensar nada maior. Ou será que um ser assim não existe porque "o insipiente disse, em seu coração: Deus não existe"?¹ Porém, o insipiente, quando eu digo: "o ser do qual não se pode pensar nada maior", ouve o que digo e o compreende. Ora, aquilo que ele compreende se encontra em sua inteligência, ainda que possa não compreender que existe realmente. Na verdade, ter a idéia de um objeto qualquer na inteligência, e compreender que existe realmente, são coisas distintas. Um pintor, por exemplo, ao imaginar a obra que vai fazer, sem dúvida, a possui em sua inteligência; porém, nada compreende da existência real da mesma, porque ainda não a executou. Quando, ao contrário, a tiver pintado, não a possuirá apenas na mente, mas também lhe compreenderá a existência, porque já a executou. O insipiente há de convir igualmente que existe na sua inteligência "o ser do qual não se pode pensar nada maior", porque ouve e compreende essa frase; e tudo aquilo que se compreende encontra-se na inteligência. Mas "o ser do qual não é possível pensar nada maior" não pode existir somente na inteligência. Se, pois, existisse apenas na inteligência, poder-se-ia pensar que há outro ser existente também na realidade; e que seria maior². Se, portanto, "o ser do qual não é possível pensar nada maior" existisse somente na inteligência, este mesmo ser, do qual não se pode pensar nada maior, tornar-se-ia o ser do qual é possível, ao contrário, pensar algo maior: o que, certamente, é absurdo. Logo, "o ser do qual não se pode pensar nada maior" existe, sem dúvida, na inteligência e na realidade.

¹ SI 13,1

² As palavras de Anselmo, bastante concisas e pouco claras, encerram este sentido: uma coisa é certamente maior se pensada existente na inteligência e na realidade do que existente apenas na inteligência.

Observações na Wikipedia:

[...]

Scott H. Moore resume o argumento ontológico:

- (1) Pode-se pensar num ser maior do que qualquer outro;
- (2) Sabemos que a existência na realidade é maior do que a existência somente na nossa mente;
- (3) Se o ser de (1) existir somente na nossa mente, não será o maior que se pode pensar;
- (4) Portanto o ser pensado maior que qualquer outro (1) deve existir na realidade;
- (5) Se ele não existir na realidade, não seria o maior ser que se pode conceber;
- (6) Portanto, o maior ser que se pode conceber deve existir e nós o chamamos “Deus”.